

CADERNOS DE EDUCAÇÃO
POPULAR **18**

**Memórias
de um
Raizeiro**

IZIDIO SALUSTIANO DINIZ



Nova

Cadernos de Educação
Popular 18

Memórias de um Raizeiro

IZIDIO SALUSTIANO DINIZ



Petrópolis
em co-edição com

Nova

Pesquisa e Assessoria em Educação

Rio de Janeiro
1991

© 1991, NOVA –Pesquisa e Assessoria em Educação
Rua Barão do Flamengo, 22/803
22260 Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Direitos de Publicação:
Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689 Petrópolis, RJ

Copidesque
NOVA

Diagramação
Daniel Sant'Anna

ISBN 85.326.0673-3



Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Ltda.
em agosto de 1991.

Apresentação

“Hoje se fala muito esta palavra: ecologia. Eu não conheço o que é isso, mas pra mim planta é vida”. Para Izídio Salustiano Diniz, conhecido em Caruaru como Dr. Raiz, planta é vida. E isto transparece através de suas memórias.

Nem sempre seu amor à natureza o permitiu sobreviver como raizeiro, mas quando tentou outras profissões: camelô, encanador, fotógrafo, sentiu-se frustrado. Razão pela qual sempre voltou às plantas.

Fé, sensibilidade e experimentação fazem parte do “dom” de curar de Izídio. Ao falar do seu “sistema” – segundo ele cada raizeiro tem o seu – propõe uma associação com os médicos: “nós trabalharíamos com aqueles casos simples que aparece, que muitas vezes toma tempo do médico, e é coisa que não compete, não precisa nem consulta sequer...” Isso foi o que ele sempre sonhou, mas sabe que é difícil.

Fecha esta narrativa uma advertência acerca da destruição da natureza e o apelo para preservá-la.

As entrevistas com Izídio Diniz, realizadas na casa de Roberto Martins, foram feitas por Gustavo Lyra, Lídia Ferreira e João Cícero de Souza Alves, em 3 sessões, ano passado, em Caruaru. João Cícero e Lídia Ferreira fizeram a revisão da transcrição das fitas e o primeiro esboço do texto. Eu me encarreguei de compô-lo, cortando partes repetitivas e dando subtítulos a cada uma das passagens da entrevista. Foram mantidos o tom oral e o linguajar de Izídio Diniz.

Com este “Caderno” a Nova retoma um dos seus propósitos editoriais, que é conceder espaço para uma visão de mundo que não é divulgada e, conseqüentemente, *permanece* desconhecida.

Pedro Benjamim Garcia



Izidio Salustiano Diniz durante a entrevista realizada em Caruaru em 1990.

Memórias de um Raizeiro

Comecei a tomar entendimento com as plantas

Agora vou começar a contar um pouco da minha história. Desde a idade de 7 anos comecei a tomar conhecimento com as plantas, de um modo geral com a natureza. Comecei a me entusiasmar através da minha bisavó, que era uma parteira velha, bem conhecida, e todo curativo dela era com plantas. E eu era uma companhia dela para ir buscar aquele galho de mato, sementes, pra que ela fizesse determinadas curas. E eu perguntava a ela para que doença servia aquele tipo de planta. Mas naquela época uma criança menor não tinha direito de saber por que uma pessoa mais velha não contava uma pequena palavra... Se era uma mulher que estava doente de um corrimento, tava doente daquilo outro, ela não dizia. Mas eu ficava curioso, que aquela planta tinha alguma utilidade. Então ia procurá as plantinhas e decorava. E daí fui crescendo.

Quando passei a minha idade de 8, 9 anos, aí já a minha bisavó tinha morrido. Ela morreu com 115 anos. Mas então ficou a minha avó que exercia a mesma profissão e continuou com aquele mesmo entusiasmo e me chamando de doutor. Mas como

é que eu era doutor se não podia ir pra escola? Que a escola, naquela época, era muito difícil. A mais perto que tinha era 3 léguas. A gente chamava légua naquele tempo, né, ninguém usava quilômetro... Aí eu já comecei a tomar mais entendimento com as plantas, como a aroeira ou o mandacaru, o quebra-pedra, o cedro... várias e várias plantas que ela mandava buscar. Eu já ia direto nas matas porque já conhecia as plantas, não precisava mais ela ir. Aí via aquele tratamento que o meu pai junto com o meu avô fazia nos animais. Já tinha mais acesso àquilo. Sabia quando os animais tavam com catarro. Então nós íamos buscar cabeça de negro, mais isso e aquilo outro, pra fazer o tratamento. E eu fui me aproximando e tomando mais gosto com aquilo. Sabendo que aquelas plantas tinham utilidade e aquela utilidade era uma coisa da natureza, não era uma coisa feita pelo homem. Daí foi que começou a me nascer aquela vontade de me aprofundar, de conhecer mais as plantas, de decorar. Aí fui levando essa vida até a idade de 10 a 12 anos. Com incentivo da minha avó, e de um outro raizeiro, o finado Rufinho, ia buscar raízes pra cuidar das doenças. Mas eles não me diziam o tipo da doença. Só me falavam da doença quando era externa, uma ferida, uma coisa qualquer. Aí eu ficava impossibilitado de saber pra que cura servia a erva ou a planta.

Mas aquela vontade em mim pra saber era grande

Então parti para meu pai ajeitar um meio de eu ir pra escola assim mesmo. Para ver se ficava mais fácil aprender as coisas. Mas meu pai era daquele tempo que escola servia só pra aprender a escrever carta pra namorada. Então não valia nada. O tempo que eu ia estar numa escola ia trabalhar. Aquilo, no momento, era uma tristeza pra mim. Mas depois eu me despreocupeei da leitura e tomei prazer pelo meu trabalho. Enquanto tava zelando um pé de árvore, um pé de planta, vendo como nascia, como botava fruto, como mudava as folhas, eu sentia prazer.

Considero a planta um vivente igual a nós. Tanto que quando eu vejo uma pessoa cortar uma planta sem necessidade me

enche os olhos de lágrimas por não poder impedir aquilo, porque ela está fazendo um assassinato. Às vezes a planta é um fruto que alimenta: um pé de manga, um pé de jaca, um pé de caju... qualquer coisa, então aquilo me constrange muito.

Eu nessa ilusão, não tinha interesse de dançar, de farrear, de namorar... Só queria me ver dentro dos matos. Pegava um dia de domingo, botava um estilingue de lado, uma baleadeira na mão, e entrava no mato atrás de passarinho mas reconhecendo aqueles frutos. Chupava frutazinhas e algumas ardiam. Você vê como é que é: eu comecei fazendo que nem o macaco, conhecendo por minha própria experiência. Eu mesmo provava pra saber se a fruta tinha sabor ou não, se tinha amargo ou não. E até hoje eu ainda tenho essa adaptação. Muitas vezes estou num ambiente e preciso de uma planta para determinadas coisas e as plantas são minhas desconhecidas, então saio procurando elas pelo sabor. Pelo sabor conheço, mais ou menos, se a planta tem ou não uma utilidade medicinal. Alguma que seja tóxica a gente sente, o sabor dela muda, é diferente, é um sabor irritante... Daí vem o meu conhecimento das plantas.

Por eu ser assim começou a nascer críticas, aquela rapaziada nova diziam que certamente eu ia ser maricas.

Foi nascendo uma alma nova em mim

Aí comecei a me enjoar, comecei a criar aquele ódio... Um determinado dia, já tava ali na faixa dos meus 12, 13 anos, cheguei e falei pra minha mãe: "A senhora sabe que eu não gosto muito da farrá. O trabalho que meu pai me bota é o trabalho da roça. Eu tô achando bom porque tenho um contato com a natureza e tudo, mas não ganho nada, meu pai não me dá nada e eu vou embora. É o primeiro desgosto que eu vou dar à senhora". Ela fez aquele ardoio, que eu não fosse e tal, e perguntou: "E pra onde você vai?"

- Eu vou aqui pra Caruaru mesmo.
- Mas quem é que você tem em Caruaru?

– Eu procuro uma pessoa.

Aí um dia de sábado, como diz aquela história do disco, “o cadeado era um nó”, joguei o saquinho nas costas e desapareci na madrugada.

Quando cheguei em Caruaru dei logo uma de carregar frete, que eu não tinha dinheiro. Com o tempo conheci uma senhora de nome Dona Zefinha, que morava na antiga rua Tupi, bairro do Salgado, que era curandeira e rezadeira. Mostrei a ela como gostava das plantas também. Foi quando ela começou a me dar algumas explicações que eu não tinha anteriormente. Aí foi nascendo uma alma nova em mim.

Quando eu já estava com mais ou menos meus 16 anos, 17, uma coisa assim, minha mãe veio pra Caruaru. Aí fui embora morar mais ela, que continuou me incentivando: “Se você gosta da natureza, das árvores, da terra, então isso é um prazer seu. Faça aquilo que você gosta! Só peço que nunca invente de ser cachaceiro ou fumar drogas, como o pessoal fala”. Ela não sabia nem o que era maconha nem nada, falava drogas – já se falava naquela época.

Minha mãe ainda não era uma rezadeira. Apenas fazia aqueles remediozinho com plantas.

Um dia, conversando com ela, eu disse: “Mãe, eu vou ser um vendedor de plantas, um raizeiro”. Aí comecei a trabalhar, tirar raiz. Eu arrancava muitas plantas, como a pepaonha, o mandacaru e outras. Com 6 meses de trabalho comecei a analisar uma outra coisa: pra mim ter produção o que eu trazia era pouquinho, não dava pra sobreviver, o dinheiro não dava pra nada. Eu tinha que tirar muito mais raiz. Aí comecei a notar que em vez de proteger, eu tava devorando a planta. Com a ilusão do dinheiro tava eliminando-as. Foi quando veio a minha revolta e procurei mudar. Fui ficando mais adulto, fui tomando aquele conhecimento, e fiquei contra as pessoas que arrancava as plantas.

Nesse entremeio começou a aparecer, já pras épocas de 50 mais ou menos, o que nós tratamos de preconceito. Que se uma pessoa nova, da minha idade, ensinava um chá, servia de crítica, saíam rindo, saíam mangando. Aquilo também me atingiu, eu comecei a me afastar mais... a ter contato com as plantas mas a

não passar aquele conhecimento pra ninguém, ficando só pra mim.

Aí chegou minha época de ir para o exército

Quando eu fui para o exército, servir, comecei a confessar para o meu comandante, para os meus superiores, que eu gostava muito das plantas. Então eles me deram um pouco de acesso pra andar ali dentro, daqueles quartéis, para ver aquelas plantas, aquelas coisas. Mas logo em seguida eles proibiram, dizendo que aquilo era negócio pra maconheiro, que soldado não podia ser assim. Aí eu fiquei privado. Desse próprio Exército veio a minha maior frustração: não ter acesso à natureza.

Muitas vezes dentro do quartel, vi derrubar um pé de manga, um pé de caju. Eu chegava a pedir ao capitão Bastos Cruz, que ele não fizesse aquilo. E ele derrubava. Uma areia quente que nem era aquela praia, em Rio Doce, em Olinda, e nós ali dentro. E por causa dos pedidos que fiz levei 4 dias de suspensão.

Quando entrei pro Exército eu era artilheiro da 1ª peça. Como era sujeito curioso, passei a trabalhar como mecânico de manutenção daqueles canhões grandes. E um canhão daqueles voltou de um treinamento faltando uma peça de ferro que fazia pressão para o tiro. Aí chegamos, instalamos o canhão em Olinda, e eu fui lubrificá-lo. Que era uma obrigação. Chegava e lubrificava todos os canhões. Quando eu estou lubrificando a conexão falei para o soldado: você gira o canhão, que era pra poder lubrificá-lo a carreta toda. Aí ele levantou a ponteira do canhão e imprensou a minha cabeça. Minha cabeça foi achatada ali dentro, só não fez estourar! Me levaram pro HCE e eu não dei mais acordo de mim. Quando acordei estava dentro do HCE. Eu não sabia se fazia um dia nem dois, nem uma hora, nem meia. O mundo estava feito um balão e minha cabeça enfaixada. Quando recebi alta da enfermaria, tive licença para ir para onde quisesse... Fiquei cisnado: não é possível uma facilidade tanta assim! Eu tinha que servir somente o meu ano. Entrei em 51 e tinha que sair em 52.

Mas só saí em abril de 54, quando vieram me licenciar, porque não tinha ninguém para ficar na minha função... Vigia daquelas máquinas.

Naquele tempo ninguém ganhava dinheiro. Era 115 mil-réis por pessoa, e ainda descontavam o cigarro, a lavagem de roupa, o corte de cabelo, e me sobrava 45 mil-réis. O que, naquela época, só dava pra vir em casa uma vez ou duas. Na terceira vez, se minha mãe não tivesse dinheiro pra me dar, eu não voltava.

Aí eu saí naquela alegria. Ser licenciado foi a maior alegria do mundo! Não me interessei em procurar um atestado. Não liguei. Naquela época, se a gente procurasse essas coisas era capaz de ser preso. O exército, até 60, vou lhe dizer, era uma escravidão.

Agora vou começar outra vida

Vim embora. Aí eu disse: vou começar nova vida aqui. Vou ser camelô, que era o mais fácil que tinha. Então, ganhei ali um dinheirinho e botei uma peneirinha a tiracolo. Comecei a comprar carretel de linha, esses negócio. Ser camelô ali no Recife. Mas não gostei da brincadeira, porque não gosto de estar correndo de fiscal. Um dia eles me fecharam na ponte do Rio Capibaribe. Uma turma de um lado e outra turma de outro, e eu tava no meio... E agora? Toda a minha riqueza tava naquela peneirinha: giletas, sabonete, linha... Aí eu cheguei no centro da ponte e fiquei, tirei a peneirinha do pescoço e quando eles foram se aproximando... eles disseram assim: "Você agora ficou na fuma!" Aí eu peguei a peneirinha e joguei embaixo: "Vocês não querem levar? Nem eu nem vocês, as águas levam." Nessas altura eu morava na casa da minha madrinha. Chegando em casa eu disse pra ela: "Tá ruim, joguei tudo dentro do rio Capibaribe, perdi tudo! Agora vou começar outra vida". Isso foi um dia de sábado. Passou sábado, domingo, quando foi na segunda-feira eu fui pro cais de Santa Rita ver o pessoal descarregar aquelas barcas de sal. Eu era um moleque de porte, e digo: Oxente! Vou pegar esse serviço aqui. Vou ganhar dinheiro pra partir para outra coisa. Aí perguntei ao encarregado se tinha vaga. Ele disse: "Tem. **Você** vai trabalhar

no horário de 8 às 10". Pronto. Aí já me meteu um chapéu, fiz uma rodilha, botei na cabeça, e fiquei sentado lá, esperando. Meu amigo, quando cheguei ali na balsa que o cabra pegou um saco, um saquinho só de 30 quilos, e botou na minha cabeça, eu senti a cabeça se abrir assim e eu desmaiei. Aí me tiraram de lá nos braços. Fui tornar a me acordar no Hospital Getúlio Vargas... Quando me acordei lá, minha cabeça molhada e tudo de sal... e o médico dizia: "Que é que tá sentindo, malandro?"

– Não sinto nada não, tô com o corpo moleiro assim e tal, mas não tô sentindo nada não.

– Você tem alguma dor?

– Não sinto não.

Aí ele disse:

– Venha cá! Você já levou pancada na cabeça?

– Levei, no Exército.

– Depois disso você já trabalhou?

– Não, é a primeira vez.

– Volte correndo, vá para o quartel porque você não é mais homem pra botar peso na cabeça. Vá ligeiro lá.

Fazia 2 meses que eu tinha sido licenciado. Lá no quartel levei 8 dias pra conseguir falar com o comandante Bastos Cruz e o subcomandante. Quando cheguei na CEOP e falei com os homens, eles apenas olharam pra mim: "E você não assinou a carteira? Assinou. Então desapareça e se vire! Aqui é que nem operário, saiu do serviço, assinou carteira, acabou-se".

Eu nunca gostei de ficar adulando muito... aquilo me deu uma raiva, e eu fui embora. Parti pra Caruaru de novo. Vim embora de uma vez. Sabia que pra serviço pesado eu não podia.

Passsei em Caruaru um ano trabalhando com plantas. Mas não dava pra sobreviver. Aí parti pra Bahia. Chegando lá passei 2 noites dormindo na calçada, sem ter o que comer, sem um tostão no bolso, só com uma mala de ferramenta.

Então, comecei a andar por aqueles matos, a conhecer aquelas plantas e tal. E das próprias plantas comecei a fazer uma

parte artesanal: cesto de balaio, cestinha, abano, vassoura... E eu nunca tinha visto fazer aquilo. Mas eu via sendo feito e dizia: tenho que fazer! E comecei a fazer do meu jeito. E não é que pegou? Não dava um grande ganho mas deu a minha sobrevivência.

Aí reconheci um pouco de planta pela Bahia. Mas mesmo lá continuava o sistema das pessoas não passar o conhecimento para os outros que usasse uma planta. Todo dia que aprendo uma coisa passo o meu conhecimento e também quero o conhecimento dos outros. Isso é muito importante, porque a gente não pode dizer que conhece tudo, porque não conhece mesmo. Então às vez eu conheço uma planta, ela tem uma utilidade de uma forma, já você conhece a mesma planta e usa de outra forma. Então eu pego conhecimento com as pessoas e passo o meu pra elas. Então aprendi. Recebi as duas lições da vida: aquilo que serve e o que não serve.

Da Bahia fui pra Brasília. Chegando em Brasília tive a maior dor com aquela devastação de mata, aqueles escavamento, aquelas máquinas virando tudo, tombando plantas. O importante ali era o prédio, era o arranha-céu, era o grande palácio.

Mas já que estava ali e não tinha pra onde partir... Tive que trabalhar também. Aí comecei a trabalhar como encanador naqueles prédios, junto com aquela peãozada...

Curando em Brasília

Nos anos 60 Brasília ainda era mato, não era construída. E um dia trabalhando com os peão ali, era danado pra amanhecer e os peão com febre, dor de cabeça, amarelo... não podia ir pra farmácia comprar remédio... Então num salão velho daqueles de construção nós ficava ali, 2, 3 peão deitado em cima de umas folhas de jornal, tudo com febre, uns do Ceará, outros da Bahia, outros da Paraíba, outros de Alagoas... Nós era em número de 25 pessoas que tava ali naquele prédio velho trabalhando.

Então eu saí por aqueles mato, aquelas quebrada ali de Brasília, atrás de ver se achava um pé de Jurubeba. Mas andei,

andei por ali e não encontrei jurubeba. Mas depois, chegando num pé de planta que tem uma folha quase como de abacateiro, eu olhei... aí quebrei o talo, botei na boca, masquei... Mas olha, era mesmo que eu tá segurando o talo da jurubeba. Eu digo: essa planta tem qualquer serventia... mastiguei a folha, engoli um pouco do sumo e fiquei assim esperando: vou ver se me dá alguma tremura, alguma coisa... e digo, vou levar esse planta! Aí cheguei lá e disse: "Meninos, vocês querem tomar esse chá?" Aí eles disseram: "Pernambuco, se tu fizer esse chá nós toma". Aí preparei o chá, preparei um caneco de vidro, e dei a cada um dos meninos que tava doente, parece que era 5 ou 6, eles tomaram... "Ih, Pernambuco, que chá ruim, amargo!" "Toma, rapaz! Toma!" Aí eles tomaram. Quando foi mais tarde eles: "Pernambuco, nós tamo se sentindo melhor, o corpo tá mais quente e tal..." "De noite vocês vão tomar outro". Aí quando foi de noite eu passei numa casinha onde morava uma família e encontrei o alecrim de caco. Pedi à mulher uns galinho. Aí voltei com aquele alecrim de caco e as folhas da mesma madeira. Ainda procurei tirar uma raiz pra ver se tava enraizado. Fiz uma panela do chá onde botei o alecrim de caco e cozinhei numa lata, daquelas de querosene, de pegar massa, de pegar tudo. Cozinhei uma lata cheinha e disse: "Todos vocês vão lavar a cabeça com esse negócio aqui." E os meninos lavaram! Pra minha surpresa, vou dizer a vocês, com 3 dias tava todos eles trabalhando, sem febre. Daí começou espalhar até outros colegas: "Ó rapaz, vai ali, Pernambuco faz um remédio de chá, é pinimba, nós tava arriado... Vai ali..." "Não deu 15 dias nisso. Quando eu cuidei da vida chegou um soldado e um médico, ou um enfermeiro, não sei que diabo era, todo de branco: "Rapaz, você está trabalhando aqui em medicina, você é algum médico?" "Não, doutor, não, eu não tô fazendo remedinho não, apenas cozinhei umas folhas de mato pros meninos que tava com uma febre aqui, uma malária. Até disse isso pra ele: "Uma malária aqui desmantelada, tudo morrendo aqui sem ter dinheiro para ir pra farmácia... "Você me acaba com isso ou vou mandar metê-lo na cadeia, viu"? Amanheceu o dia e eu disse pros menino: essa boca aqui não dá pra mim não. Eu vou é pra São Paulo.

Chegando em São Paulo, já era final de 62, comecei a trabalhar. As plantas eu tornei a deixar. Hoje, em São Paulo, na Praça da Sé, tem uma feira de raiz. Mas eu já vi muito peão do Norte correr com seu saquinho com a polícia atrás dizendo que

eles tavam vendendo maconha. E agora não, agora vai ver, até os médicos estão ali examinando e tal.

Não chega o meu sonho nunca

Fiquei por ali. Trabalhei e arrumei família... E depois que arrumei família eu digo: "Mulher, sabe de uma coisa, você quer me acompanhar?" Ela disse: "Pra onde que você vai?" "Vou pro Paraná".

Aí debandei pra região do Paraná. Andei por aquele Norte do Paraná. Cheguei lá, rapaz, pode acreditá: não tinha nada, só tinha mato! E agora? Vamo passá fome. E passemos mesmo. Dentro do Paraná passamo fome. Passamo fome, moramos dentro de chiqueiro de porco e depois a gente venceu. Fiquei lutando em São Pedro do Ivaí até quase a época de 70. Quando foi na época de 70 minha vida até que não estava tão ruim. Trabalhava com refrigeração, com fotografia, e já tava ensinando alguma gente que vivia por ali mostrando as plantas que curavam. Então chegava num canto com mulheres doentes e ensinava a elas. E aquilo foi me dando prazer. E em lugar de eu tá conhecido como mecânico de refrigeração ou como fotógrafo, eu tava mais conhecido como raizeiro, por aquele pessoal da roça. Vinha no dia de domingo todo mundo pra procurá a casa de Pernambuco, pra passá um remédio, passá uma planta.

Aí lá vem outra frustração. Eu entrando naquela região peguei um serviço perto de Londrina. Chegando lá, vi cada pulmão de mato, uma coisa maravilha, cada uma árvore, cada um sonho de pau! Os trator derrubando tudo, serra por toda parte, deixando só o toco... Eu começava a me irritar. Chegava em casa e dizia pra mulher: "Olha, esta semana tô irritado, estou aqui mas com o coração trancado". E ela: "O que houve?" "Devastação, derrubando umas mata tão bonita, derrubando tanto pau bonito, derrubando tudo, acabando, botando fogo, o maior desperdício da vida!" Ela: "Mas rapaz, tu vai quebrá a cabeça com isso, que tu arranja com isso?" Eu digo: "Mas é um horror... Olha, eu vou te explicar: não tenho conhecimento não, mas o Norte do Paraná dentro de poucos dia vai estar igual ao nosso Nordeste, de você

andar léguas e léguas sem ter uma sombra pra sombrear... Então isso dói..." Ela: "Não te meta com isso, deixa o tempo correr, deixa o pessoal. Se o governo não se importa, por que é tu que vai se importá?" Mas a minha consciência... aquilo me irritava. Não tinha jeito de me convencer. Quando eu chegava naquele lugar fechava os olhos, aquilo me zangava.

Um dia eu cheguei na casa de um fazendeiro que tinha um pé de cedro na frente da casa dele. A coisa mais linda que já vi. Uma árvore que 8 homens não abraçavam. Ele chegou assim e disse: "Vou mandar derrubar esse cedro"! Era um tal de Seu Francelino. E eu digo: "Mas seu Francelino, o senhor, um bom cedro destes, uma coisa tão linda dessas! Não faça isso não, Seu Francelino, não tira um pé de pau desses, deixa esse pé de pau aí, pelo menos pra conhecimento da sua família, de seus netos..." "Que neto que nada, rapaz! Isso é mato, isso nasce outro!" E eu pelejei, pelejei... e o velho disse que ia derrubá. E disse: "Olha, Pernambuco, eu não gosto muito de pedido de homem não. Eu vou mandar buscar o peão agora pra derrubá". Eu tava lá, fazendo o serviço, botando gás e reparando. E aí vi aquela haste de pau cair, que dentro de 100 anos não formava uma árvore daquela. Mas pode crer aquilo me deu uma raiva tão grande do mundo que eu meti as mão nas máquina, desliguei tudo, peguei as garrafa, botei dentro da mala e disse pro motorista: "Vamos embora!" E ele: "Não vai terminar o serviço não"? "Não vou não, o senhor termine agora se quiser." "E por que isso?" "Porque o senhor não atendeu meu pedido. Derrubar um pé de pau desses, que dentro de 100 anos o senhor não recupera mais! Isso pra mim foi o maior crime que o senhor fez na sua vida. Isso me irritou e eu não vou fazer mais o seu serviço e acabou..." "Ah, eu vou mandar avisar a firma. Vou passar um rádio lá pra firma que é pra mandar você embora. Porque você é um operário que não corresponde à firma, não trabalha com os interesses da firma..." "Pode mandar agora mesmo, isso não me interessa". Aí vim embora e não fiz mais o serviço dele. Aí fiquei com aquele enjôo. Cheguei na firma e o Dr. Paulo não me falou nada, mas fiquei com aquele enjôo.

Eu vou dizer a vocês, a coisa mais ruim do mundo é lutar por uma coisa que não pode falá. Hoje se fala muito esta palavra: ecologia. Eu não conheço o que é isso, mas pra mim planta é

vida. Quem começa o dia no meio das plantas recebe aquele ar, aquela maravilha! Quem amanhece dentro da cidade, abre a porta é uma catinga de óleo queimado!... Quero morar num lugar onde me sinta feliz em contato com a natureza, com a terra, com as plantas, com o ar. Dentro da melhor casa que tiver dentro da cidade, pra mim, eu estou internado num hospício.

Hoje chegou a minha vez. Com meu destino, com minha idade madura, eu sei o que quero. Faço aquilo que me convier. Então eu me destinei e me liberei. Com crítica ou sem crítica, com preconceito ou sem preconceito, eu vou lutar pela planta medicinal. Pela natureza de um modo em geral.

O agente de saúde popular

Eu venho notando que todo mundo, pessoas mais velhas, os próprios médicos que estudam, sabem que as plantas curam. Sabem que nós temos uma grande riqueza com as plantas medicinais. Mas eles estão fazendo vista grossa.

Eu critico essas pessoas que trabalham com saúde popular. Eles não são agentes de saúde popular e sim agentes de si próprios. Isso são vários. Eles batalham junto com os verdadeiros agentes populares, que somos nós, que vivemos no meio da comunidade, vivemos junto com as pessoas da roça, junto com as pessoas de baixa renda. Pessoas que não têm soluções, pessoas que não têm como comprar um comprimido e se socorre a nós pra ensinar um chá de uma planta que eles não sabe. Porque eles conhecem a planta mas não sabem como se faz o chá. Então esses agentes se junta a nós dizendo que vão encontrá um meio de nos auxiliar, a nós, que enfrentamos esse trabalho com o maior prazer. Mas depois que esses agentes conseguem recursos eles fazem o contrário. Os verdadeiros agentes populares ficam esquecidos e eles vão lutar em causa própria. Formam um pequeno núcleo, uma concentração, adonde só eles têm vez. Isso eu venho encontrando. Esse tipo de exploração da medicina popular. Está se tornando como a política, que o pessoal fala ao trabalhador, mas só fala! Não fazem nada pelo trabalhador. Eu mesmo já fui vítima de vários. Pegam

informações comigo e depois eu ser esquecido. O correto era se nós conseguíssemos um meio de trabalharmos com a saúde popular. Voltando em parte àquela época anterior. Época da minha bisavó, onde as pessoas acreditavam na natureza, acreditavam nas plantas medicinais. A crença, que nós chamamos de fé, é acreditar: esta planta cura, e eu vou fazer ela, vou tomar, vou ficar bom. Porque hoje, com a maior prática que temos, com a maior luta que já se tem, existe a possibilidade da gente fazer até a pomada dentro da nossa casa. Utilizando a planta, a tintura da planta medicinal, daquela que nós acha que tem maior poder de cura. Ela é um antibiótico mais forte, mas nós lá no sítio não tem esta história de antibiótico não. Nós sabemos que a planta tem valor de cura, ela cura. Então nós procuramos fazer a pomada através da vaselina, através da cera da abelha. Esse é que eu acho que é o agente de saúde popular. É o que chega na casa do morador, olha, vai no mato ou na campina, e daqui a pouco chega com um bocado de raiz, de pau, de casca de pau: "Vou fazer um remédio pra tu". Faz o remédio e ensina aquela pessoa a fazer. Então nós vamos ensinando isso dentro das comunidades, e o que vai resultar? Vai ser útil porque as comunidades, numa faixa de 30 a 40 por cento dos incômodos, não precisam de socorro médico e tampouco de farmácia e antibiótico. Antibiótico eu nunca tomei na vida. Acho que devora muito a vista, os ossos e os nervos.

O antibiótico, na questão da inflamação, do pus, dessas coisa, ele apenas seca, ele resseca. Então, se é uma infecção, vamos dizer, de um caroço, ele secou o pus, daqui a 6 mês aquele caroço rebenta outra vez. E ele vem com outra força. Com outro sistema diferente. Torna a tomar um antibiótico mais forte, um besetacil... coisa... maravilhoso! Mas na próxima vez ele vai rebentar com outro sintoma. Eu acho que o antibiótico provoca isso. Já o antibiótico da planta é diferente, ele é natural, ele não tem manipulação. Ele é da terra pra panela e da panela pra pessoa. Ele não traz nenhum efeito e contra-indicação, desde que a pessoa saiba controlar as parcelas da planta que vai ser usada. Muitas vezes o médico diz que as plantas não tem cura rápida. Eu discordo. Algumas plantas não tem cura rápida, mas outras trazem cura rápida. Por exemplo: o caroço do mulungu. Se uma pessoa está se esvaindo numa hemorragia eu faço um remédio pra ela e estanca o sangue.

Se o agricultor tá dentro do mato e cortar o pé é só raspá um bocado da catingueira, colocar em cima do sangue e amarrá. Com 15 dias cai a casca e ele tá curado. Isso não quer dizer que as plantas curam todas as doenças, mas nós temos uma faixa de 50% das doença que curamos com plantas. Mas nem sempre aproveitamos. O americano extrai a nossa avelós – como estão fazendo na Paraíba – e leva pra América do Norte. É para plantar? Não, é porque tem uma utilidade, é porque o nosso avelós tem uma substância que combate o câncer. O brasileiro não está aproveitando, mas outros países estão levando. E com isso a nossa flora medicinal está desaparecendo de dentro do nosso Brasil. E a minha luta, é pelas nossa planta, que nós temos a flora medicinal mais rica do mundo, só que não tamos cuidando dela, nem cultivando, e sim eliminando.

Hoje nós vemos todo mundo falando de ecologia. Coisa que eu não entendo bem, mas que há 40 anos atrás já me falava a minha bisavó. Ela dizia que essa época ia chegar. Ia ser devastada todas as planta, todas as árvores do nosso Brasil, e que nós viveria as maiores crises do mundo. Isso eu culpo os nossos governantes. Eles não ajudam as pessoas que querem defender a flora brasileira.

Nossa mãe terra é a que mais que recebe crueldade de nós filhos. Ela é a única mãe que nos alimenta, que dá expansão a todo ser vivo: as plantas, os animais e nós. E o que fazemos com ela? Tiramos até a alimentação dela! Isso eu também debato muito.

Quando eu vejo as pessoas colocá fogo num roçado... tá fazendo o quê? Está acabando com a nossa terra. E isso me dói, porque estão levando a alimentação da terra. A terra não está comendo, a terra não tem com que se alimentar. E em cima disto ela recebe a temperatura do fogo. Depois do fogo vem o sol e, dentro de poucos anos, não nasce uma grama sequer porque a terra está morta. Eu acho isso uma crueldade. Mas mesmo assim a natureza é tão boa – pelo menos eu considero, isso é as minha análise que eu faço comigo mesmo – que ela não leva isso em conta e volta o ano que vem. Nós ajeita ela, dá uma cavadinha e tal, ajeita ali e ela volta a dar um novo fruto. Isso aprendi vendo a natureza.

É por estas árvores que eu faço as minhas leituras

Podemos recuperar as matas com capoeirão. Porque as matas mesmo pra ser recuperada, só dentro de 150 anos é que poderia alcançar. Agora, dá pra vestir a terra, mas não adianta hoje nós chegar com essas árvore tipo eucalipto. Eucalipto é uma árvore que faz sombra mas devasta o resto. Adonde tem um plantio de eucalipto não nasce mais nada. Então nós temos que plantar árvores protetoras que proporcionam o nascimento de várias outras ao lado dela. Essa é uma árvore amiga que dá cobertura às outras. Se é uma árvore mais rica, se tem raízes mais profundas, ela puxa umidade pra outras árvores pequenas. Ela cobre a terra e protege as plantas menores dos raio do sol.

O raio solar é que termina com as plantas menores. É como o rico exterminando o pobre, é por aí que eu analiso. Então o rico, a maioria deles, só quer ver o fim do pobre, qué vê ele se acabar. Assim eu considero essas árvores que não são amigas. Exterminam as outras que nascem junto dela. Então só fica ela, as outras se acabam. Por isso eu não acho que ela seja uma árvore aconselhável para reflorestar o nosso país. Agora, serve para fins industriais: fabricá papel, pra tábua, outras coisa... Mas pra reflorestamento normal eu não acho que seja vantagem, porque vai ser uma exterminação de todos os outros tipos de plantas. Eu sou contra isso.

Eu vejo hoje, em várias partes do nosso Brasil, somente eucalipto. Então sinto uma dor, porque sei que as outras árvores não têm vez. Muitas vez eu reflito comigo: estão acabando com as plantas medicinais, as plantas menores, que nascem debaixo das outras árvores. Nós dizemo assim: o imbuzeiro acabou-se! Não. Quiseram acabar. Porque o imbú, nós cortamos um galho dele e plantamos na terra e lá mesmo ele nasce e brota. E é uma outra touceira.

Embaixo de um pé de cajá tudo que é de árvores pequenas estão nascidas debaixo dele. Um pé de cedro, que nós encontramos na Amazônia, com 4 a 5 metros de diâmetro, mas abaixo dele tá repleto de outras árvores! Agora eu quero que me mostre

um pé de eucalipto, grande, que tenha outra árvore vizinha a ele. Isso são conhecimentos meus adquiridos numa ligação com a natureza. É por estas árvores que eu faço as minhas leituras. Chego debaixo de um juazeiro, reflito, uma árvore importante. Um símbolo da árvore doméstica. Árvore resistente à seca. Árvore sombria que não perturba o nascimento das outras.

Se você quer fazer uma comparação: se você analisa um livro eu analiso uma planta.

Um pé de milho, um pé de feijão, um pé de jaca, um pé de manga, plantamos com um só caroço. Então aí eu analiso que nós temos um órgão superior e devemos zelar por aquilo que ele deixou pra nós: a natureza, a terra, a planta, a água... De tudo ele deixou. Sem ter esse cuidado nós não temos vida. As alegrias que eu vou tendo, no trabalho com as plantas, é a de prestar uma cura a um, ensinar um tipo de alimentação a outro, e descobrir a serventia de uma planta que ninguém usa pra nada, como é a semente da maniçoba, que é uma planta tóxica. A gente tira a semente da maniçoba, e faz o óleo, que é a mesma coisa ou melhor do que o óleo de soja. É um óleo para diversos tipos de curativos pro nosso corpo e pros seres animais. É uma planta que está condenada pelo fazendeiro. Quando ela nasce dentro da fazenda ele manda arrancar até o toco. E assim eles vão acabando com a maniçoba. E ela é uma planta que traz grande benefícios: curativo e alimentício.

O fazendeiro também está eliminando com a catingueira. Aqui era coberto delas e hoje nós já não vendemos mais pés. A catingueira é uma planta de socorro rápido. É uma planta que traz uma rica alimentação que nenhum médico descobriu. É uma vitamina das mais fortes que nós podemos ter.

A flora brasileira é um livro aberto. Exemplo: pego um pé de mato, não boto água, dali eu começo a olhar, quando é com 3 dias ele tá murquinho, aquelas folhinha acabadinha... Não tem água. Então eu digo, aquilo é uma pessoa que tá morrendo de sede. Levo água e coloco naquela planta. Quando é com 4 dias aquela planta está viva novamente. Ela voltou a viver, mas está fininha, aniquilada, porque aquela terra não tem alimentação, é só cascalho. Assim eu analiso como que seja uma pessoa que tá sobrevivendo. Não tem alimentação completa. Ela tá somente

com o esqueleto em pé, como se diz na história. Então eu estrumo aquele pé de planta... com 15 dias eu vou lá a e gente começa a notar a diferença. A planta cria corpo, fica rosada e começa a aumentar. Então eu tô fazendo a mesma leitura que tivesse fazendo um livro. Por ali tô analisando, sinto o que ela sente.

A vontade que eu tenho era de trabalhar como um agente de saúde. Que eu pudesse ensinar as pessoas. Fazer com que as pessoas se conscientizassem.

Nós temos que trabalhar em cima da planta regional. Tem que ser uma coisa simples. Se uma pessoa planta a sua verdurinha aqui no quintal e não quer usar veneno, tem que adquirir outros produtos em Recife, em Vitória, na Bahia. Tem possibilidade? Não. A possibilidade é de arranjar aqui mesmo. Então vamos fazer a solução aqui. Como nós temos: com a folha do angico, a cinza e vários outros ingredientes nós combatemos as pragas. Isso são soluções populares, que a gente resolve dentro da nossa área. Se nós trabalhássemos de mão dada, médicos e agentes de medicina popular, nós não tínhamos dificuldades com remédio, não tínhamos dificuldades com epidemias.

Quando chegou nossos pracinhas da guerra, aqui em Recife, em 45, ajudei algumas pessoas em Casa Amarela a curar. Pessoas que trouxeram doenças venéreas crônicas da guerra, apanhadas até através de contatos com animal. E quando eles chegaram aqui as nossas mulheres solteiras, as nossas mulheres mundanas, esperaram eles naquele porto do Recife. E cada uma delas seguia pra casa com eles porque fazia tantos anos que eles não viam uma mulher! E eles não sabendo que vinham infestados desgraçou nossas mulheres.

Então os nossos médicos vieram e curaram com quê? Com penicilina! Então a penicilina combateu o que era de pus. Aquilo virou crônico. Hoje se manifesta mais como uma blenorragia, como uma doença venérea. Se manifesta através de geração, porque ficou de sangue pra sangue.

Uma das minhas grandes alegrias com as plantas medicinais foi quando tivemos uma febre que derrubou muita gente por aqui... caía 5, 6 numa casa só. Eu mesmo fui um, que passei 3 dias deitado numa rede, sem poder nem abrir a porta. E minha

mãe, com toda a família, em Surubim, sem saber que eu estava numa cama. Passando uma vizinha pra ir buscar um pote d'água, bateu na porta: "Seu Izidro, que é que deu?" "Tou aqui, caído numa rede..." Não tinha força pra nada. Não me levantava, não comia. Aí ela disse: "Cadê dona Maria?" Eu disse: "Minha mãe tá apanhando café lá pro lado de Surubim, naquele meio de mundo". "E o que vai fazer? Não quer que eu vá comprá um remédio?" "Não. Quero que a senhora ande por aí, me apanhe um bocado de jurubeba, tire um bocado de suco, e bote um bocado de raiz de jurubeba no fogo pra cozinhá pra eu tomá um banho". Oxente! Não tomei nem um copo suco de jurubeba, meti os quarto pro lado de fora e me levantei, até hoje! Parti pra Surubim. Cheguei lá e encontrei um lastro! Encontrei minha mãe, o dono da fazenda, tudo arriado. Entrei pra dentro do cafezal e taquei jurubeba na turma. Fazendo banho pra eles levantei tudinho.

É com isso que me conforto e é com isso que eu ajo, mesmo que não tenha retorno financeiro.

Minha mãe ficou uma senhora rezadeira conceituada

Hoje eu venho lutando com as plantas só com o incentivo da minha mãe. Ela é uma pessoa mais velha e trabalha como rezadeira. É uma curandeira muito conceituada, que as pessoas amam muito. E eu ainda mais, porque ela me incentiva, me dá instruções sobre alguma coisa onde existe dúvida.

Quando as pessoas me procuram pra uma cura popular eu procuro atender. Eu luto, vou atrás de planta, saio de pés, ando um dia dentro dos matos, porque é difícil encontrar uma planta no nosso pequeno agreste.

Na maioria das vezes o resultado tem sido positivo. Isso me alegria, apesar de muitas vezes as pessoas que eu adquiero essas cura elas não dão nem muito obrigado. Na hora que eles nos procura vem sem solução. Na hora que se sente curado esquece que foi um chá. Porque muitos casos aí tem aparecido de pessoas de uma sociedade média, como se diz, que se enver-

gonha de dizer que curou-se com um raizeiro. Quando tão doente vem secretamente. Chega na minha casa ou, inclusive, na casa da minha mãe, e deixam o carro escondido pra ninguém ver que eles tão ali atrás de uma reza, atrás de uma cura. Quando obtém essa cura ele se oculta de dizer pros amigos que ele se curou realmente com uma curandeira ou com um raizeiro, porque são duma classe social mais ou menos. Isso venho notando dentro da nossa sociedade e não me importo. Mas acho que isso não leva a nada, porque se eles valorizassem melhor seria, porque nós teríamos mais conhecimento e trabalharia mais.

Eu e minha mãe, nós discute as vez nós dois, por que não aparece um órgão de Prefeitura, de Governo, de Igreja, seja de onde for, que incentive, que apóie essa luta pela defesa das plantas e pela cura que as plantas oferecem. Aí eu as vez respondo pra minha mãe: "A senhora sabe de uma coisa, eu vou terminar sem ter nenhuma cuinha pra pedir na beira da ponte". Ela olha pra mim assim e diz: "Meu filho, você não gosta! Então enfrente e não se curve diante dos primeiros obstáculos".

Pra mim isso é uma coragem. Eu parto. E tô nessa defesa. Minha mãe é rezadeira e todos os medicamentos que ela passa é através das plantas. É um defumador, é um banho, é um chá, um lambedor, uma garrafada.

A história de minha mãe é muito interessante. Ela detestava o espiritismo. Se alguém chegasse na casa dela e começasse a conversar em espiritismo ela dizia logo: "Ói, qué falá de outra coisa? Se não quisé a porta tá por ali".

A única coisa que ela fazia desde nova era benzê quebranto, mau-olhado de criança.

Nessa época meu pai não tinha um ganho que desse... e vivia toda a família naquela perturbação, naquele aperreio. Até que um belo dia em que eu tava no Recife, atrás de adquirir algumas coisa trabalhando, vendendo artesanato, minha mãe sentou-se com minhas irmãs e foi contá história de Trancoso. E numa daquelas história minha mãe ficou como uma pessoa louca. Variando, dizendo besteira... e minhas irmã começaram a se preocupar que minha mãe tinha endoidecido.

Quando eu cheguei de Recife era 4 hora da manhã e minha mãe tava acordada, fazendo café, não tinha outra coisa. E eu

disse: "Mãe, ainda tá acordada?" Ela prontamente conversou comigo direitinho: "Estou acordada, fazendo um cafezinho, lhe esperando". Então comecei a brincar com ela: "Tá certo mãe, então se a senhora tá me esperando eu trouxe uma bolachinha, trouxe um pãozinho...". Aí as menina começou a se acordar, e minha irmã, essa que hoje é diretora de orfanato, falou pra mim: "Minha mãe tá variando..." "Eu digo: "É impossível!" Aí ela pegou na minha mão, olhou pra mim, encarou: "Meu filho, preciso do seu apoio, porque quem está aqui não é porque ela que, é um pedido que ela faz... Fique tranquilo". Minha mãe trabalhou 7 dias dentro de casa naquele estado de loucura, fazendo de tudo. Não conversava com ninguém. Nós 7 dias nós ficou horrorizado. Quando chegou às 6 horas da noite ela se dirigiu para uma mesa que tem umas imagem, acendeu uma vela, reuniu a família, e chamou o filho mais velho: "Você que compreende, você que tem o dom de compreender tudo isso... Sua mãe não está louca, não está nada. Apenas ela fez um pedido para que pudesse salvá a família dela, sem precisá de nenhum tá pedindo esmola pelas portas, e a solução é esta. A partir de hoje, quem queira, quem não queira, ela é espírita". Aí eu cheguei e respondi: "Se é para o bem de minha mãe e de todos nós, eu luto e defendo-a até o último instante". E assim fizemo. Enfrentamos, conversamos com o velho e ela ficou. Daí por diante desapareceu aquele acesso de loucura dela. Ela voltou ao normal como quem tava sonhando. Agora ficou de fazê jejum 7 meses seguido, e não recebia dinheiro. Ela rezaria ou curaria qualquer pessoa mas não podia pegá nenhum centavo durante 7 anos. A família podia, mas ela não. Isso durante 7 anos, foi a recomendação que eles deram. E não podia cobrar a cura, gratificasse da maneira que pudesse. E se pudesse...

E a partir daí minha mãe começou a rezar. E começou o sucesso. A pessoa que chegava lá, desesperada, rezava, ficava boa. E começaram aquele boato. E dentro daquele boato apareceu uma lá, invejosa, dizendo que minha mãe tava sendo uma catimbauzeira.

Minha mãe nunca fez um despacho, nunca fez nada... é somente oração, uma velinha branca acesa e um copo d'água.

Só sei que com esse negócio chegou uma calúnia contra ela. Mataram um galo, enrolaram, enterraram e jogaram na porta de

um vizinho. A polícia veio buscá, ela foi presa. Foi quando o velho meu pai quase comete um desatino. Porque meu pai não estava. Quando chegou é que disseram: Maria José foi presa por causa de fulana de tal, que apareceu um galo lá e ela foi denunciada... Era comadre dela e meu pai quis meter a faca...

Tudo isto, quando acontecia, eu não estava. Andava em Fazenda Nova, atrás de plantas, e minha mãe lá. Quando eu chego minha mãe não tava. Aí alguém disse: "Tá presa". Oxente!

Vou atrás dela com um tenente que ela tinha curado.

Fiquei sabendo que um agente chegou com a denunciante e a dona disse: "Olhe onde ela está! Faz catimbó aí, agora!" E minha mãe só fez responder: "Se chamar pelo nome de Deus for catimbó, eu chamo aqui e chamo em qualquer canto. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!"

Aí o agente disse: "Pois vou lhe levar agora pra falá lá nos pés do delegado". Ela veio pros pés do delegado e falou a mesma coisa. Aí o delegado olhou pra ela assim, reparou, e disse: "Não, esta mulher não é catimbauzeira, ela tem algo de estranho".

Naquilo chega o tenente: "Dona Maria, que é que tá havendo?" Ele virou-se pro delegado: "5 minutos pra essa mulher tá fora da prisão!" E foi pegando e botando ela dentro do carro e trazendo pra casa.

Minha mãe voltou pro meu pai, voltou pra luta dela, e graças a Deus, a partir daí, acabou-se! Minha mãe ficou uma senhora, uma rezadeira conceituada, até hoje, curandeira através das plantas também, espírito de todas as maneiras, que as pessoas assim interpretam.

Minha mãe é procurada por pessoas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Mato Grosso do Sul, Bahia, de todos esses cantos ela é procurada.

E essas pessoas procuram sempre distanciadamente, viajante, que nós chamamos caixeiro-viajante. Tem deles aí que sai do Sul do país para vender aqui no Nordeste. Quando chega a primeira visita é na casa da minha mãe. Primeiro ele se reza, recebe um conselhozinho dela – que é muito simples, e eles dizem que sai com a vida parece que livre. Então é uma questão de acreditar para que dê certo. Isso são os exemplos que minha

mãe tem feito. E tenho seguido esse exemplo num certo ponto. Não como espírita, mas com a ecologia simples, que eu mais ou menos entendo.

Tem muita gente que não é da comunidade que me procura. Eu tenho recebido visita de turistas da Espanha, pessoas que receberam uma fórmula que eu escrevi e que ajudei a comprar plantas em Caruaru, porque lá na Espanha eles não conheciam isso, e pra questão de pele tiveram ótimos resultados. Essas pessoas, quando chegam aqui, na Semana Santa, me procuram.

Já estive com pessoas de um comitê do Chile, que trabalha com uma ajuda internacional de auxílio aos trabalhos de medicina popular. Essas pessoas fizeram uma entrevista comigo com mais de 4 horas e até hoje não recebi o resultado. Então isso vem ocasionando comigo uma certa frustração.

O pouco que tenho eu passo para qualquer um. Isso é um dom que Deus me deu e esse dom eu tenho que passar pra alguém. Só não quero é que aproveitem esse dom, esse pouco saber que eu tenho, pra explorarem. Mas se procura pra auxiliar, pra ajudar, pra mim é o maior prazer da vida, porque só assim consagro meu sonho.

Como preservar as plantas

Agora eu vou falar como eu gostaria que as pessoas fizessem para não haver extinção das plantas. Aquelas plantas que fosse usar a raiz, as pessoas deviam procurar não arrancar o pé, só arrancar uma parte da raiz de cada pé. Por outra, deixar aquelas plantas que são anuais. Quer dizer, planta que nasce todo ano, deixar pra arrancar quando ela tivesse frutificado, porque nós arrancaria aquela planta e ficaria o fruto. Então para o ano ela tornava a nascer pra nós fazer outra colheita. Assim nós preservava a existência daquela planta.

Se nós vamos tirar uma raiz, uma casca de pau, nunca deve pegar a haste do pau. A pessoa poderia cortar um galho, utilizar a casca, que tem a mesma serventia. Isso são fórmulas da gente não extinguir com as plantas medicinais.

Aquelas plantas mais moles, como é o cedro, como o cajueiro, é necessário tirar uma casca do lado que o sol nasce. Tirar uma cascazinha a largura de 5 centímetro, pela uma extensão de 40, 50 centímetro no máximo. Ele tirando naquela largura, no lado que o sol nasce, com 120 dias ela tá cicatrizada. Mas se ele descascou até a metade do tronco do pau, o lado do pau vai sofrer todinho. Então com 2 ou 3 vezes que o camarada for lá acaba com aquela árvore.

Se é flor, nunca se deve catar todas as flores e aqueles botãozinhos que vem saindo. A gente deve procurar um determinado galho e tirar uma parte de flor, porque se nós cata todas as flores, não frutifica aquela planta.

Esse uso indiscriminadamente é que vem sendo usado pelo raizeiro. Coisa que eu condeno, porque não é o modo de um raizeiro explorar dessa maneira, só atrás de dinheiro.

Hoje pode fazer um levantamento dentro de Caruaru, que é uma das maiores feiras de raízes, e mesmo, no próprio mercado São José, no Recife, que os raizeiros quase todos responde: "Estão faltando plantas, nós não temos planta, não aparece tal planta". Por que não aparece? Porque o próprio raizeiro extinguiu com ela, acabou na ambição do dinheiro. Então aí que eu faço a minha crítica ao raizeiro. Que ele se discipline mais, que procure lutar por estas plantas, sem extinguir as mesmas. E sempre que ele puder, plante uma touceira.

Assim é que eu gostaria de trabalhar num plano de saúde alternativo. Eu teria prazer de prestar esse serviço aos irmãos, às pessoas de baixa renda, que desacreditaram na planta medicinal, que era o remédio da vovó, da titia, quando não existia farmácia e o único socorro da gente era a floresta. E hoje ela tá desprezada.

Na maioria dos casos muitas plantas tão se vendo como as maiores inimigas do homem. Como aí vem a situação da urtiga. Ela é uma planta que todo mundo que acabou com ela. Deixa aquela urtiga! Se ela tá numa terra plana, que você vai plantar um feijão, devido ela ser uma planta que realmente incomoda um pouquinho, as pessoas arranquem aquele pé e enfiem numa brecha de pedra.

A urtiga, além de ser medicinal a raiz, é medicinal o leite dela, a água do miolo dela, que é um dos melhores colírios que a gente tem pra vista, e a semente é uma das melhores alimentação que a gente tem de tipos de vitaminas naturais, porque isso foi experiência feita já por mim. Fiquei preocupado em descascá uma colher de semente de urtiga. Pisá ela todinha com farinha, fazer aquela vitamina saborosa. Não tem castanha igual. Eu comia aquela colherzinha de farinha de manhã, tomava um café pequeno, entrava pra dentro das floresta e andava o dia todinho. Chegava 6 horas de noite e eu não estava com fome. Consta que esta alimentação tem uma proteína que poderia ser mais olhada e mais aproveitada.

Uma outra coisa que eu tirei de teste na urtiga... Agora, no ano de 88, apareceu muita criança com uma coceira no corpo que descascava a pelezinha todinha. Era tudo ferido. Lá para o médico dizia que aquilo era sarna. Não é possível que todo mundo em geral deu sarna! Então umas mães, em número pequeno, me procuraram, e eu atendi cerca de 35 crianças, tudo com um só problema. Então eu pensei: será que isso é uma coceira? Será que isso é falta de vitamina A pra pele? Então eu bolei na minha cabeça. Fiz a colheita da semente da urtiga, cerca de 5 colheres de semente de urtiga. Tive o cuidado de descascá-las e passei elas no liquidificador, junto com a folha da batata doce. Depois eu ainda coei num pano, bem coadinho, e fiz aqueles vidrinhos, parecendo leite, só que era verde. Ficou gostoso, mas devido a folha da batata ficou um pouco travosinho, então a criança começou a rejeitar, a primeira criança que eu dei começou a rejeitar. Aí eu joguei dentro de cada vidrinho 3 colheres de mel e agitei. E fui levar. Aquelas mães com 8 dias chegavam e dizia: "Olha como é que está, não tem mais nada, tá bom".

Aí eu comecei a valorizar a urtiga, que ela não é tão inimiga como as pessoas pensam. Então eu defendo que nunca se extinga os pés de urtiga porque ela tem uma grande utilidade.

Testando o suco da folha da pitomba

A pitomba é uma outra planta daqui do Nordeste que está quase em extinção, apesar de ser a terra dela. Porque as pessoas tem uma história de arrancar a raiz pra fazer remédio para inflamações venéreas. Ora, se corta a raiz da pitomba o pé morre, que eles nunca tira uma só, eles escavaca, corta aqueles bocado de raiz todinha e o pé morre. Outros, os fazendeiros, os proprietários de terreno, que tem 10, 12 pés de pitomba, começaram a cortar por causa dos meninos que roubavam as pitombas, então com raiva a vingança deles é cortar os pés de pitomba. Uma coisa que me dói.

A folha da pitomba é seca. A gente pode esfregá não tem suco nenhum. Aí eu comecei a ver como é que poderia tirar o suco da folha da pitomba.

Agora, em que me deu na cabeça de testar o suco da folha da pitomba? Na ferida de boca de criança. Aquelas feridinhas que dá na língua. Aí eu cheguei lá sem dizer nem a minha cunhada: "Olha um remédio aqui pra boca da criança". Isso ela passou era 1 hora da tarde, quando foi 4 horas a menina estava pegando a mamadeira e mamando, quando foi no outro dia a menina estava com as feridas quase todas secas, com 3 dias não tinha nada, parecia que nunca tinha tido nada! Aí que eu fui explicar a ela que era da folha da pitomba.

Então isso são coisas que a gente faz... Aí alguém diz: tá usando as pessoas como cobaia? Não, tô fazendo um remédio sabendo que ele não tem contra-indicação, ele não tem efeitos que possa prejudicar a pessoa. Portanto, eu tomo muito cuidado, quando eu faço um remédio, que eu quero saber como é que anda ele, qual é o sabor dele, que é que se sente, eu tomo primeiro dele, eu sou quem toma! Depois eu sinto se ele tem algum efeito ou não. Então, se eu noto que aquele remédio tem qualquer coisa alérgico ou qualquer coisa que deixa a gente com mal-estar, então eu não passo aquele remédio. Durante todo esse período eu nunca tive tumulto com essas coisas, graças a Deus.

Eu sempre gosto de fazer as fórmula. Mas já estou cortando esta questão da fórmula, porque tem muitas pessoas que não entende! E outro dia quase matam uma criança. Eu mandei fazer um remédio pra dar 2 colheres. Como o remédio era bom, gostoso, era uma vitamina muito forte, e a criança se encontrava muito fraca, recomendei: "Óie, não dê mais de que essa quantidade". A mulher encheu um pote e deu pra a criança! Em poucos minutos tava a criança morrendo, desmaiando, suando, amarela, acabada... A sorte é que no lugar dela correr pro médico, veio de carro, que o marido tinha um carro, pra cá... Aí preparei lá um outro chá e dei pra criança pra que cortasse aquele efeito um pouco, e a criança restabeleceu, dentro de 20 minuto tava correndo ali, bom, alegre... Aí fui conversar com a mulher: "Eu não disse à senhora que não poderia dar mais do que uma colher de sopa a cada duas horas?"

Não é porque o remédio seja ruim, seja tóxico, é porque é uma vitamina e se trata que a criança estava debilitada. Quando eu vejo que a mãe é daquelas mulheres alvoroçadas, que não grava nada, eu digo: "Compre as planta que eu faço". Porque não é nada, rapaz, já pensou, hoje, na situação que eu estou, um médico chega perto de mim: "Dr. Raiz, você tá atrapalhando a nossa bóia"! "Mas como?" "Você anda fazendo remédio..." "Rapaz, eu não ando fazendo remédio. Você acha que eu sou algum cientista, que eu tenho algum laboratório? A minha profissão não é fazer remédio. Agora tem uma coisa, meu amigo, me proibir de ensinar as pessoas quais são as plantas que cura e como se faz um chá, só se vocês costurá minha boca, porque do contrário não."

Comparando plantas com pessoas

Eu comparo uns tipos de pessoas com as plantas. Você mora perto de um vizinho, vamos dizer, aquele vizinho tem uma certa ambição na sua vida individual, mas não pode lhe destruir. Então que faz ele? Vai lá na cerca do seu curral, vai no seu portão, bota o arame, bota o espinho, coloca fogo, entendeu? Quer dizer, já lhe atingiu, não diretamente, mas indiretamente e de fora ele fica

olhando o seu extermínio. Por isso eu comparo com o mandacaru, que é uma planta muito querida, é uma planta que até levam pra plantar lá no museu, em lugares bonito, pra ficá de representação. Mas ela não consente de ninguém ficá alisando ela, ela nasceu cheia de espinho. Quem é que se abraça com o mandacaru? Então, ela é bonita, ornamenta, mas ela não deixa que ninguém lhe toque não, nem que ninguém lhe pegue brincando porque ela castiga.

Há outras pessoas que eu comparo com a urtiga. Ela é uma planta calma, sossegada, tranqüila, mas dá o bote e esconde a unha, é invisível. As pessoas quando pensa que ela não tem arma tá mais armada do que parece.

A parreira comparo com as pessoas ambiciosas. Pessoas dos olhos grandes, pessoas que só querem tudo pra elas. Se chega num pé de mato, num roçado, então nasce aquele pé de parreira, bonito, parece uma uva e tal coisa, as outras plantas ali encostada. Mas ela é tão ambiciosa que dentro de 90 dia ela forma um mundo de rama que mata todas as outras, só fica ela! Ela toma toda aquela volta pra ela, e não dá direito a outra planta nascê com ela. Então comparo, na minha mente assim, com aquelas pessoa ambiciosa, com aquelas pessoa gananciosa.

Eu faço a comparação do avelós com as pessoas que são servidores, pessoas que gostam muito de servir, mas que nas horas certas dá a catucada delas também, dá o bote delas.

Cada pessoa que trabalha com raiz tem um sistema

Muitas pessoas chega pra mim e pergunta: o médico faz a consulta, faz os exames, e você? Como é que você faz o exame nos clientes pra saber o que eles sofrem? A diferença é que nós trabalha direto com a natureza. Nós tem o dom da natureza. Também temos a nossa experiência de vida, que é virgem, porque ninguém nos ensinou. Então eu pego a mão do paciente, sinto a pulsação dele, a caloría. Passo a olhar os olhos do paciente. Então eu vejo a sua intranqüilidade. Através daquela

intranquilidade eu começo a sentir os tipos de inflexões que as pessoas têm. Daí eu passo a perguntar os tipos de irritações, de coceira.

Então as pessoas já notam que eu descobri alguma coisa. Ao me confessar aquele tipo de inflexão eu vou sentir a origem. Se é uma dor numa costela, se aquilo partiu de uma pancada, se ele levou uma queda, se é um machucado, se ele deu uma distorção num pé. Então vou sentindo e passo aquela planta adequada em forma de uma compressa, tirando uma e botando outra. Então nós consideramos um forno alternativo, que a gente faz na própria água com o pano. Isso é como nós fazemos nossa experiência para os incômodos mais simples. Quando é um catarro, a gente escuta o pulmão, sente a cor da pessoa, vê a língua. O médico também olha a língua, agora o médico entende de um jeito, nós entendemos de outro. Pra nós a língua revela o índice de infecção intestinal, verminose, intoxicação por qualquer tipo de comida ou remédio.

A vista alterada da pessoa revela que ela tá passando um problema nervoso, problema de frustração ou medo.

Pelas mãos eu sinto que a pessoa tem uma instabilidade nervosa, como se diz, incontrolável. Para nós o nervoso radiado são pessoas que têm um corpo espírita mas não seguem e nem fazem nada que as ajude. Quem tem um corpo espírita tem os nervos radiados, como nós chama. Difícilmente se dá com qualquer tipo de remédio químico! Qualquer remédio químico que toma só piora. Chega a ficar com estado até de loucura. Aonde alguns espírita enrolão trata dizendo que estão manifestadas. As vez não tá.

O corpo espírita só se sente à vontade quando tudo que ele usa é natural. Mas existem pessoas que não querem acreditar.

No caso da mulher que corta o cabelo e faz tudo quanto é tipo de maquiagem, ela sempre parte para a desvantagem. Vai prum baile e quebra uma perna, tem uma briga, bate com o carro, dá uma dor. Aí ela diz: falta de sorte! Não, não é sorte, é porque elas são pessoas que no nosso conhecimento popular sofrem de radiação espiritual. Aquela radiação não permite esses tipo de exposição.

Isso são coisas que acontece e o próprio médico não acredita, nem a sociedade moderna.

Outros tipos de doença que a gente faz exame, com a vista, é a inflamação interna da mulher: ovário, vagina, útero, essas coisas.

As mulheres ainda tem aquele preconceito. Ao médico elas conta tudo, mas ao raizeiro não conta, ele não é capaz de saber. O médico aperta a mulher todinha, o raizeiro não pode passar nem por perto, porque se passar tá se exaltando, se enxerindo, e isso é que dá mais dificuldade à gente.

E preciso nós fazer primeiro uma palestra com a mulher, conversando pra ela ir se convencendo e ir contando o causo dela até chegarmos ao assunto.

A ferida, a caspa e a coceira na pele, a gente examina com a própria vista. Nós examina e daí passamos a receita. Então é assim que nós efetuamos nossas curas. Na medicina popular, cada pessoa que trabalha com raiz tem um sistema diferente. O meu é esse desde o começo até agora. Porque realmente é o que eu sinto, se complementa comigo, entendeu? Muitas vezes eu pego na mão da pessoa e sinto que tem uma infecção. Ela me diz adonde dói, eu fico naquela concentração, e então digo: não tenho planta agora, mas vamos ver se adquiro. Isso é algo que nem sei como descobri. Até agora tenho pelejado e não sei porque.

Eu entro pra dentro da campina pra procurar aquela planta sem saber direito qual. Entro naquela concentração de encontrá aquela planta praquele incômodo. Então passo por milhares e milhares de pé de pau, sem sabê qual planta é. Mas chego até a planta, cheiro, e faço a colheita dela. Quando venho, já na estrada, sinto aquela emoção em mim. Devo associar aquela planta com uma planta tal, planta tal, planta tal e formalizar 5 ou 7 plantas daquelas e fazer o remédio praquela pessoa. Isso tem me acontecido já várias vezes.

O caso de uma menina desenganada

Tem o caso de uma menina que até hoje me tem numa grande consideração. É engenheira, mora dentro do Recife. Ela tinha um problema que urinava sangue direto. Fez todos os exames no Recife, não deu, foi mandada pra São Paulo; fez todos os exames, tomou todos os remédios que passaram, e tudo fez, mas continuou na mesma. Foi para o Rio, passou 3 meses fazendo exame, se tratando. Inclusive fez um furo na costela pra fazer um determinado exame e voltou pra Pernambuco, desenganada, com anemia.

A mãe trouxe ela. Quando ela chegou, viu a pequena barracinha dentro do mato, conversou comigo e perguntou quanto era a minha consulta. Eu disse: "Madame, eu não tenho preço de consulta, quando as pessoas que me dá 100 cruzeiro eu agradeço". Ela olhou pra mãe dela e disse: "Oxente, vamos simborá!" E a mãe: "Mas minha filha!..."

Aí que eu fui entendê e disse pra mulher: "A senhora pode ir embora porque quem fala em cem mil-réis não deve ter valor". Falei logo na cara e ela foi embora com a mãe.

Quando é mais tarde ela volta. Aí disse: "Seu Izidio, veja se faz um remédio pra mim". Eu disse: "É o seguinte, madame, tenha fé nas plantas. Eu não vou dizer pra senhora que vamos curar, mas que vamos achá uma amenização pro seu caso. A sua doença, seja qual for, tá ligada a nervo. Eu vou tentá ver se acho essas plantas. Agora a senhora pode tomar uma fórmula e não se dar bem e sê obrigada a mudar pra outra. Porque a mesma coisa eu sei que a senhora vem fazendo com os outros". Ela disse: "Não tem problema. O senhor acha que eu tomando 3 ou 4 tipos diferente nós teremos algum resultado?" Eu digo: "Vamos tentar".

Fiquei com a cabeça me doendo: Que vou fazer com essa mulher? Eu nunca vi esse problema aqui! Eu nunca me enfrentei com esse problema! Tomei um cafezinho, botei uma espingarda nas costas e entrei dentro do mato atrás de galho. Chegando na beira da lagoa, fui passando por uns matinhos que tinha, aí me deu aquela vontade de eu voltá e olhá aqueles matinhos com

florzinha roxa... eu peguei, aí me entrou na cabeça que aquele mato era ideal. Andei, trouxe duas touceirinhas dele. Fiz uma garrafa de champanhe e a mãe dela foi levá no Recife. E eu fiquei pensando: "Meu Deus, por que que eu fiz isso?"

Tamanha foi a surpresa quando no fim de semana a mãe dela chegou lá: "Dr. Raiz! Pronto. Fulana mandou dizer que uma faixa de 60% da urina dela já alvejou e que o senhor fizesse outra da mesma e mandasse amanhã". Eu disse: "Amanhã eu não posso, porque eu vou procurar a planta".

Mas a planta dela tinha um sotaque que de manhã você encontra, mas à tarde ela fecha aquelas flores, acabou-se, fica tudo igual e você não diferencia mais nenhuma. Fui procurá na parte da tarde e não encontrei nada. Mas aí vou passando em outro pé de árvore com umas folhas recortadas e senti novamente que aquilo era ideal. Tirei a casca e trouxe. Anexei ela com a raiz da samambaia, a casca da palmeirinha, e enviei pra lá outra garrafa.

Com mais 8 dias na frente ela chegou no carro com a mãe: "Seu Izidio, o senhor acredita que eu estou urinando alvinho, alvinho?" Eu digo: A senhora não tá dizendo? A única pessoa que está fazendo os testes e que sabe, se tá alvo ou não, é a senhora. Aí ela começou a sorrir, e disse: "É mesmo. E se o senhor vier a fazer o teste?". Eu digo: "Não tem problema nenhum vê a urina de uma pessoa, não é nada demais! Mas é a senhora que está fazendo". Ela: "E agora?". Eu digo: "Bom, a senhora vai continuar, não pode parar agora, mas vou lhe dizer uma coisa: qualquer tipo de extravagância que a senhora fizer, tipo bebedeira, vai rebentar ainda". Ela achou até graça: "Como é que o senhor sabe?" "Eu não tô sabendo nada, eu tô só dizendo".

Isso num tipo de gozação. Quando chegou em casa, passou o sábado, passou o domingo, passou a quarta, passou a quinta, na sexta-feira ela já estava terminando de tomar a outra quantidade, boazinha. Aí ela sai e vai buscar o esposo de carro, em Boa Viagem, e quando volta dá uma batida no carro. No outro dia amanheceu urinando sangue do mesmo jeito. Ela teve um choque! Um nervoso... ela não teve dúvida, montou no carro e veio pra cá numa vez. Quando chegou foi dizendo: "Olha, eu vou

seguir os seus remédios até o dia que o senhor achá que dá certo”.

Fiz outras garrafas e com cerca de 4 meses a mãe dela veio na porta dizer que ela já estava boa.

O dom de curar

Tem certas coisa que não dá pra passar para outras pessoas. Quando há uma concentração, isso não posso passar. Mas conhecimento eu posso: que tal planta serve para isso ou para aquilo outro.

Para mim é a fome que ocasiona todo tipo de doença, de achatamento do corpo humano. Vem o mal desenvolvimento, vem a fraqueza, vem o tal do nervoso que nós fala, vem a loucura, vem o aleijão... Por quê? Porque nós não somos bem alimentados.

Doença é tudo aquilo que maltrata nosso corpo. Vamos supor, uma infecção, gerada através de um germe, de um machucão. Doença é tudo que procura aniquilar a nossa vida. Ela pode ser adquirida via interna ou via externa, quer dizer, vim de fora pra dentro ou de dentro pra fora.

Às vezes você adquire uma doença através de um germe no rio, num monturo, numa água podre, num esgoto, quer dizer, ela veio de fora pra dentro. Muitas vezes um tumor interno pode ocasionar uma doença perigosíssima como o câncer e outras. Essa eu considero interna.

A fraqueza deixa as pessoas com o sistema nervoso muito abalado. A doença no sistema nervoso hoje tá mais freqüente com a vida moderna, porque nós fazemos vários tipos de extravagância. Um bebe em demasia, outro toma tóxico, outro faz extravagância de sono, outro extravagância de alimentação, isso tudo vai abalando os nervos. Por isso eu acho o índice de doença do sistema nervoso, hoje, grande em todas camadas sociais. Todo círculo social: pobre, humilde e rico. O rico porque tem muito dinheiro e vive agoniado com medo do assaltante ou

porque um negócio não rendeu bilhões como ele queria. O médico porque a mulher quer aparecer como madame e o filho estudar num certo tipo de colégio, e com a situação de hoje não dá. Então ocasiona uma descarga nervosa das maiores. O pequeno já nem se fala, porque ele vive dentro da roça, dentro do mato, no fim de mundo que nem eu. Nos pé das pedra, sem um recurso, sem um tostão, sem benefício médico, sem benefício social, sem benefício coletivo, nada, nada nós temos. Muitas vezes tem que sair de pés para ir à cidade porque não tem 12, 15 cruzeiros, aliás, 24, pra ir e voltar. Isto trás um esgotamento no trabalho. Tem que fazer uma feira pra 10 pessoas e só ganha um mil cruzados. Então aí vem aquele sistema nervoso do pequenininho.

O médico faz suas análises e tal e tal e sabe por que é, psicologicamente, não sei o que, e tal, mas eu faço diferente: eu faço a comparação que os nossos nervos é que nem um fio, que seja um fio encapado. Se nós faz um encapamento num fio que vai passar por uma alta temperatura e aquele encapamento não é bem feito ele começa a fracoar e, dentro de poucos dias, torra e incendeia tudo. Então eu considero a mesma situação. Se ele não tá permanente naquele equilíbrio, de um momento para o outro pode agitar de uma maneira que o subconsciente gira, então o homem pode ficar com estado de loucura, matar um, fazer coisa que nunca pensou, suicidar-se, fazer tudo quanto é de perversidade, num excesso nervoso. O nervoso foi tanto que o subconsciente dele desconcentrou e ele passou a ficar uma pessoa sem domínio, sem raciocínio. Eu considero o sistema nervoso dessa maneira.

O trabalho da medicina popular não é só ensinar as pessoas a se curar da doença mas ajudar a se curar da fome. Ajudar as pessoas procurá as vitaminas necessárias para seu corpo dentro das plantas alimentícias: na beterraba, na cenoura, no jerimum, na abobrinha, na batata, nas frutas. Só que o homem do sítio nem sabe que as plantas têm esse valor. Tem que dá um incentivo pra que ele tome aquele prazer e comece a usar. Precisava que a gente desse uma instrução. Ensinasse e tivesse meios de ajudar eles a fazer aquilo por experiência. Pra eles sentirem o que é um bom preparado da folha de batata, que substitui a carne. O que é um olho de quiabo bem preparado, o que é uma sopa feita somente de cenoura e beterraba, sem ter um feijão, sem ter nada,

e que fica ótima pra se comer, maravilhosa e com grandes substâncias.

Muitas vezes chego numa casa de uma pessoa pobre e ela tá arriada sem trabalhá, ou mesmo uma senhora sem poder andar, e nem é tanto a doença, é a fraqueza.

Um causo

O que me faz gostar muito dessa profissão e defender ainda mais as plantas, a ecologia, é que nós temos as nossas horas de frustração, de aperreio, sufoco, angústia, mas também nós temos nossas horas que a gente curte, se distrai, brinca, caçoa.

Nós, aqui no Nordeste, temos uma cobrinha de cipó. Ela cresce até um metro e meio mas parece um cipó. Um dia nós entramos no mato. Fomos andando, vendo flores, plantas, um perguntava uma coisa, outro perguntava outra e tal, e passamos. Aí nós subimos mais pro pé de uma pedra e um senhor, que se dizia farmacêutico, pessoa de alto estudo, se engancha no cipó, e o cipó se enrola nele todinho, e fica enrolado. Quando nós dá fé, os grito: “Ó, vem cá, você tem faca aí? Vem cortá esse cipó aqui!”. Aí eu gritei: “Não, rapaz, esse cipozinho fino a gente corta no dente!”. Ele não teve dúvida. Pegou o cipozinho e tuc! Mas a supresa: quando ele cortou o cipó sai sangue! Ah, meu amigo, aí não prestou! Ele deu um grito e quando nós chegamos o homem tava caído, desmaiou. Tinha cortado a cobrinha de cipó com o dente. O cipó saindo sangue, o cabra gritou: “Então é cobra de cipó!”. Pronto, o homem caiu. E nós achamo graça porque ela não tem perigo.

Médicos e raizeiros

Esse nome, Dr. Raiz, foi colocado na Casa da Cultura de Caruaru, através de uma pessoa muito conhecida, que já trabalhou no Rio de Janeiro, que é o Lídio Cavalcanti. E pegou. Até as

carta que eu recebo de fora vem: Dr. Raiz. E eu fiquei conhecido como Dr. Raiz.

Um belo dia eu tava sentado na casa de minha mãe e chegou uma equipe de pessoas de colégio e tal. Aí uma perguntou pra outra: “Quem é o Dr. Raiz?”. E ela dizia: “É aquele que tá sentado ali”. “Cadê o diploma dele, que eu já olhei na parede e não vi? Só vejo o nome, Dr. Raiz”. Aí eu fiquei assim, olhando... E falei: “O Dr. Raiz foi formado na faculdade da natureza e teve, como professor, Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador. Táí o colégio que eu estudei”.

Nós curamos com a planta mas não sabemos o que é que a planta tem de riqueza que curou aquela doença ou aquela enfermidade. Não sabemos se é uma proteína, se é um antibiótico. Se nós tivesse um órgão que procurasse analisar aquela planta para nós, no meu caso era muito importante. Ao mesmo tempo eu acharia muito bom que nos órgãos de saúde, nós trabalhasse anexado com os médicos, que tivesse algum órgão de saúde que tivesse interesse de trabalhar com médicos e raizeiros. Então nós trabalharíamos com aqueles casos simples que aparece, que muitas vezes toma tempo de médico, e é coisas que não compete, não precisa nem consulta sequer...

Nós faria aquele trabalho mais simples, como tratá de uma gripe. Se a gripe não for bem curada vai atingir nosso pulmão e pode causar pneumonia. Mas o raizeiro cuida muito bem da gripe.

O raizeiro podia fazer um trabalho bem mais direto com o povo. Ensinaria as pessoas como se defender. Podia fazer com que as pessoas se compreendessem mais. Porque a presença de um médico com o pessoal da roça até amedronta! “Quem é que tá ali?” “Dr. Fulano”. “Virge Maria, não vou nem lá!” “Ah, mas é um raizeiro”. “Então vou lá pedi um chá. Vou lá dizer a ele que tou com esse negócio aqui, com essa peladura aqui, e vou pedir pra ele me dá um chá!”

Já o médico não faz isso. Então se torna mais prático da gente fazê. Isso é um modo que eu sempre sonhei, agora chegá lá eu acho difícil.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR **18**

O pouco que tenho eu passo pra qualquer um. Isso é um dom que Deus me deu e esse dom eu tenho que passar pra alguém. Só não quero é que aproveitem esse dom, esse pouco saber que eu tenho, pra explorarem. Mas se procura pra auxiliar, pra ajudar, pra mim é o maior prazer da vida, porque só assim consagro meu sonho.

Izídio Salustiano Diniz

Coleção: Cadernos de Educação Popular

- No. 1 – Para Analisar Uma Prática de Educação Popular – Educação Popular. Um Depoimento – Beatriz Costa e Bernard von der Weid
- No. 2 – Depoimento: Fala um Operário – Equipe do Nova
- No. 3 – Conversando com os Agentes – Saber Popular/ Educação Popular – Aída Bezerra e Pedro Benjamin Garcia
- No. 4 – Só a Gente Que Vive é Que sabe – O Que é a Seca – Equipe do Nova
- No. 5 – Movimento dos Trabalhadores. Um Debate – Equipe do Nova
- No. 6 – Do Fruto à Raiz – Zeca Tiago
- No. 7 – Saúde e Educação Popular – Equipe do Nova
- No. 8 – Alfabetização de Adultos – Equipe do Nova
- No. 9 – O Trabalhador e a Produção Hoje – Equipe do Nova
- No. 10 – MEB: Uma História de Muitos – Maria Aída B. Costa, Vera Jaccoud e Beatriz Costa
- No. 11 – Agora o Mundo Não é Só o Nosso Lugar – Gustavo Lyra
- No. 12 – Por Que as Crianças Não Gostam da Escola? – Luisa Castiglioni Lara
- No. 13 – Educação Popular em Debate – Vários Autores
- No. 14 – África Atual: Três Histórias, Várias Questões – João Bosco Feres, Valdir Carlos Sarapu e Irene Loewenstein
- No. 15 – Produção Associada: Pensares Diversos – Beatriz Costa, Ivandro da Costa Sales, Carlúcio Castanha e Francisco Lara
- No. 16 – A Quem Pertence a Informação? – Washington Novaes
- No. 17 – Alfabetização de Adultos na América Latina – Vários Autores
- No. 18 – Memórias de um Raizeiro – Izídio Salustiano Diniz



Uma vida pelo bom livro

Nova

ISBN 85.326.0673-3



9 788532 606730